

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**SANGUE E NERVO - O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN**  
**9 e 18 de Outubro de 2023**

**KILLER JOE / 2011**

*Um filme de William Friedkin*

Realização: William Friedkin / Argumento: Tracy Letts, baseado na sua peça homónima / Direcção de Fotografia: Caleb Deschanel / Design de Produção: Franco-Giacomo Carbone / Direcção Artística: Alice Baker / Guarda-Roupa: Peggy Schnitzer / Música: Tyler Bates / Som: Steve Boeddeker / Montagem: Darrin Navarro / Interpretação: Matthew McConaughey (Joe Cooper), Emile Hirsch (Chris Smith), Juno Temple (Dottie Smith), Thomas Haden Church (Ansel Smith), Gina Gershon (Sharla Smith), Marc Macauley (Digger Soames), Graylen Banks, Carol Sutton, Danny Epper, Jeff Galpin, Scott Martin, etc.

Produção: Voltage Pictures / Produtores: Nicolas Chartier e Scott Einbinder / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 102 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Autor de alguns dos maiores sucessos, críticos e comerciais, do cinema americano dos anos 70 (**The French Connection**, **The Exorcist**), William Friedkin foi vendo a sua estrela empalidecer progressivamente junto do coração da indústria hollywoodiana, à medida que os seus filmes dos anos 80 e 90 ia falhando o objectivo de replicar o êxito de bilheteira que o cineasta alcançou nessa sua mais gloriosa década. Tanto assim foi que Friedkin se foi deslocando cada vez mais para a “margem” e para as estruturas de produção do cinema independente. Os seus últimos filmes foram assim realizados. Talvez não por acaso, foram filmes que, depois de algumas obras que tiveram vida muito discreta (como **Rules of Engagement** e **The Hunted**, no princípio dos anos 2000), trouxeram de novo a atenção, mais da crítica do que dos espectadores, ao cinema de Friedkin. Foi o caso de **Bug**, de 2006, e deste **Killer Joe**, de 2011, e ambos revelam, de facto, um cineasta aparentemente renovado na sua energia e perfeitamente calibrado no cinismo com que observa a vida americana contemporânea.

Há algo em comum entre os dois filmes. Ambos se baseiam em peças teatrais de Tracy Letts, um dramaturgo que tem visto nos últimos anos, e para além deste par de filmes de Friedkin, outras peças suas serem adaptadas pelo cinema americano (sendo também actor, um óptimo secundário: era excelente o seu retrato de Henry Ford II no **Ford vs Ferrari** de James Mangold). E ambos os filmes conservam – no caso de **Killer Joe**, a preponderância da casa da família Smith enquanto lugar que concentra a acção, a importância dos diálogos – essas marcas teatrais, trabalhadas com naturalidade, quer dizer, sem preocupação de as apagar mas também sem nenhuma intenção aparente de as

acentuar e de fazer “teatro filmado”. E, como **Bug, Killer Joe** debruça-se sobre esse território inesgotável que é a ruralidade americana, no ponto em que faz uma fronteira difusa e, apetece dizer no caso deste filme, “feia, porca e má”, com uma suburbanidade indistinta e ordinária.

**Killer Joe** é uma espécie de parábola sobre a desordem familiar, que mistura condimentos que tanto evocam a mitologia da tragédia clássica (a relação de Chris com a mãe e com a madrasta) como alguns temas habitualmente explorados pelo cinema americano (o golpe “perfeito” que no entanto fracassa) e mesmo pelo cinema de outras paragens (aquela figura do **Killer Joe**, o estranho que vem de fora e se imiscui, em posição dominadora, no espaço familiar, traz à memória, por exemplo, o **Teorema** de Pasolini).

Os primeiros minutos de **Killer Joe** mostram logo que Friedkin não está para brincadeiras e que a violência corrosiva, tanto física como moral, é o “caldo” em que tudo e todos vão mergulhar – é ver os preparos em que a madrasta (Gina Gershon) abre a porta da roulotte ao enteadado, num dos nus mais desconsolados, mas também mais irónicos, que o cinema americano deu nos últimos tempos. Toda esta violência, absolutamente inerente à narrativa (a relação de Joe com a múda Dottie, as intenções matricidas de Chris, as sugestões vagamente incestuosas da sua relação com a madrasta, aquele climax que associa o artifício teatral à mais insuportável violência cerimonial, perto dos “torture porn” ou de certas coisas de Tarantino), acabou por limitar a circulação do filme, que nos EUA recebeu a classificação para maiores de 17, restringindo fortemente o seu público potencial – Friedkin admitiu remontar o filme mas depois, e é por isso que este aspecto vale a pena ser mencionado, abandonou a ideia, seguro de que “limar” o filme da sua violência, aplacar-lhe a sujidade e a miséria moral, seria, palavra de Friedkin, “destruí-lo”.

E história de destruição é **Killer Joe**, filme que é fácil ligar a questões importantes da América contemporânea (da economia ao culto das armas), e cujo segredo está na forma como coaduna os seus modos “parabólicos” a um estilo de narração eminentemente realista – os dois aspectos fundindo-se na figura central de **Killer Joe** (magnífico Matthew McConaughey, especialista em personagens que encarnam a ambiguidade “sulista”), espécie de “super-homem” (a maneira ritualizada como Friedkin filma, por exemplo, a sua indumentária negra e a relação, dir-se-ia sensual, com a arma que transporta) que é o elo que faz a ligação entre a verosimilhança narrativa e “ambiental” e a aura de “irrealidade” que paira sobre todo o filme.

Luís Miguel Oliveira